

## O ensino-aprendizagem da sociolinguística em FLE: uma reflexão baseada na representação cognitiva do estilo

Gabriela Viana dos Santos<sup>1</sup>  
Jean-Pierre Chevrot<sup>2</sup>  
Laurence Buson<sup>3</sup>

### Resumo:

Seguindo as premissas de Labov (1972), os estudos sobre a variação estilística exploram os fatores que influenciam a escolha das variantes sociolinguísticas (omitir ou não o *ne* de negação em língua francesa) em função do contexto social. Enquanto essa capacidade é adquirida aos três anos de idade em língua materna (NARDY *et al.*, 2013), os trabalhos em língua segunda (L2) sugerem que a variação sócio-estilística dos alunos em função do contexto social ainda não é conhecida. (REGAN; DEWAELE, 2012; REGAN, 1995, 1996, 1997; HOWARD, 2004; GAUTIER; CHEVROT, 2012). Entretanto uma experiência didática mostra que o ensino explícito das variáveis sociolinguísticas contribui para o desenvolvimento da consciência do estilo dos não-nativos (VAN COMPERNOLLE, 2013). Para averiguar as representações cognitivas do estilo em L2, nós adaptamos o método experimental elaborado por Buson e *al.* (2014) para nativos. O teste foi aplicado a 67 estudantes sinófonos e anglófonos de FLE (nível intermediário) em intercâmbio na França. O objetivo de nosso estudo é conhecer a representação do estilo sociolinguístico dos alunos e os fatos que influenciam sua construção. Nossa reflexão se articula em torno das representações cognitivas dos estudantes e do impacto que elas apresentam no processo de aquisição da norma sociolinguística da língua-alvo.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Psicolinguística. Variação sociolinguística. FLE. Aquisição de línguas segundas.

## Enseignement-apprentissage de la sociolinguistique en FLE: une réflexion basée sur représentation cognitive du style

### Résumé:

Dans le sillage de Labov (1972), les études sur la variation stylistique explorent les facteurs qui influencent le choix des variantes sociolinguistiques (omettre ou pas le *ne* de négation en langue française) en fonction du contexte social. Alors que cette capacité est acquise dès 3 ans en langue première (NARDY *et al.*, 2013), les travaux en langue seconde (L2) suggèrent que la variation socio-stylistique des apprenants en fonction du contexte social reste limitée (REGAN; DEWAELE, 2012; REGAN, 1995, 1996, 1997; HOWARD, 2004; GAUTIER; CHEVROT, 2012).

Toutefois, une expérience didactique montre que l'enseignement explicite des variables sociolinguistiques contribue au développement de la conscience du style chez les allophones (VAN COMPERNOLLE, 2013). Pour saisir l'état initial des représentations cognitives du style en L2, nous avons adapté la méthode expérimentale élaborée par Buson et *al.* (2014) pour des natifs. La tâche a été proposée à 67 apprenants sinophones et anglophones du FLE (niveau intermédiaire) en séjour en France. L'objectif de notre étude est de connaître la représentation du style sociolinguistique chez les apprenants et les facteurs qui influent leur choix. Notre réflexion s'articule autour des représentations cognitives des étudiants et sur l'impact qu'elles représentent dans le processus d'acquisition de la norme sociolinguistique de la langue cible.

<sup>1</sup> Doutoranda do Departamento de Ciências da Linguagem, Universidade Grenoble Apes, Laboratório LIDILEM.  
[viana.gabriela@hotmail.com](mailto:viana.gabriela@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor, Departamento de Ciências da Linguagem, Universidade Grenoble Apes, Laboratório LIDILEM.  
[jpchevrot@wanadoo.fr](mailto:jpchevrot@wanadoo.fr)

<sup>3</sup> Professora, Departamento de Ciências da Linguagem, Universidade Grenoble Apes, Laboratório LIDILEM.  
[Laurence.buson@u-grenoble3.fr](mailto:Laurence.buson@u-grenoble3.fr)



**Mots-clés :** Sociolinguistique. Psycholinguistique. Variation sociolinguistique. FLE. Acquisition des langues secondes

## 1. Introdução

Desde os anos 70, a variação estilística é objeto de pesquisas aprofundadas na área da sociolinguística. Essas pesquisas, em especial a de Labov (1972), sobre a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, procuram compreender quais são os fatores que influenciam as escolhas sociolinguísticas inconscientes dos locutores e como eles percebem diferenças estilísticas no interior do próprio grupo.

Entre os trabalhos existentes sobre a variação estilística em língua materna, alguns deles como os de Ficher (1958), Nardy (2008) e Buson (2009) buscaram compreender a aquisição da variação estilística em crianças. Esses trabalhos mostram que, de forma precoce, as crianças adaptam o uso das variáveis sociolinguísticas em função da formalidade da situação de comunicação (NARDY *et al.*, 2013). Desde a idade de 3 / 4 anos, as crianças utilizam muito mais as variantes padrão em situações formais.

Em língua segunda, para compreender a aquisição estilística, os pesquisadores passaram a observar a produção oral dos alunos. Em especial, os estudos em Francês Língua Estrangeira (FLE), como os de Regan (1995, 1996 e 1997), Regan e Dewaele (2012) e Howard (2004), mediram e compararam as produções de não-nativos com a de nativos. Eles constataram que existe uma diferença importante entre essas duas produções e que os não-nativos usam geralmente um estilo muito mais formal. Essa diferença começa a se tornar um problema logo que os alunos de língua estrangeira se veem diante da norma sociolinguística nativa. Por exemplo, durante o período de intercâmbio, os estudantes podem se sentir defasados e até mesmo perdidos diante de uma pluralidade estilística que eles não dominam.

Essa diferença entre a produção dos nativos e não-nativos é um ponto de discussão no meio didático. Uma das premissas do Quadro Europeu Comum de Referência para línguas (CECRL, 2000) diz respeito ao desenvolvimento de competências sociolinguísticas na língua-alvo. A aprendizagem de uma língua deve comportar elementos que favorecem a percepção do estilo e deve incitar os alunos a desenvolver uma flexibilidade estilística para evitar dificuldades de sua adaptação, por exemplo, durante o período de imersão em países estrangeiros.

Até o presente momento, as pesquisas em língua segunda não chegaram a um consenso em relação à causa da diferença entre as produções de nativos e não-nativos. Contudo, alguns estudos em língua francesa defendem que essa diferença resulta do fato de que os alunos são



“mono-estilísticos”, o que sugere que eles possuem apenas um estilo (REGAN; DEWAELE, 2012). Outros autores defendem a ideia de que, em língua segunda, a produção das variantes sociolinguísticas está sobretudo ligada ao contexto sintático da frase (HOWARD, 2014).

Apesar de muitas pesquisas, como as de Chevrot e Gautier (2012) e Van Compernelle (2013), estudarem a produção dos alunos antes, durante e após o período de intercâmbio internacional, elas não abordam a percepção que os alunos têm do estilo sociolinguístico, nem a forma como eles o representam cognitivamente. A importância de analisar esses processos está na possibilidade de melhor compreender qual é a percepção estilística dos alunos e assim contribuir para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas eficazes facilitando, assim, o seu processo de adaptação a diferentes situações de comunicação.

Com o objetivo de explorar a representação cognitiva do estilo em FLE, nós desenvolvemos um estudo junto a 67 estudantes em intercâmbio universitário na cidade de Grenoble, França. Baseado na metodologia experimental de Buson *et al.* (2014), nosso estudo tem por objetivo verificar a existência de um padrão estilístico coerente dos estudantes de francês língua estrangeira. Nosso texto é dividido em 3 partes. Primeiramente, abordaremos conceitos-chaves no que diz respeito ao conceito da variação estilística. A segunda parte é dedicada à apresentação do nosso projeto, suas hipóteses e metodologia. Em seguida, discutiremos, na terceira parte, os resultados obtidos e suas implicações didáticas.

## **2. A Variação Sociolinguística e o Fenômeno da Restauração Estilística**

A Sociolinguística reagrupa os estudos sobre uma pessoa ou uma comunidade linguística, em um contexto social ou região específica. Neste contexto, os trabalhos se concentram sobre o uso, a estrutura e a evolução da linguagem, os laços entre as características sociais, assim como sobre as produções oriundas de contextos interacionais (DUMMOND, 1992).

A abordagem chamada de *variacionista* engloba os trabalhos sobre as mudanças linguísticas. O primeiro trabalho conhecido na área (LABOV, 1972) se concentrou na alternância entre as formas de linguagem padrão e não-padrão. No senso comum, as variantes padrão estão sempre ligadas ao prestígio e ao nível de estudo, enquanto as não-padrão estão ligadas à sociabilidade ou rudez (LAFONTAINE, 1986; TRUDGILL, 1975). As pesquisas variacionistas concernem principalmente aos estudos em língua oral.



Labov (*op. cit.*) define a variação estilística como sendo “modificações pelo meio das quais um locutor adapta sua linguagem segundo o contexto imediato de seu ato de fala”<sup>4</sup> (1976, p. 366). Ele pressupõe que graças à variação social e estilística, nós podemos dizer a “mesma coisa” de diferentes formas. De fato, alguns autores, como Eckert (2008), se opõem em parte a essa concepção laboviana<sup>5</sup>. É importante lembrar que o estilo não pode ser considerado um ornamento da mensagem, mas sim uma parte integrante da mensagem composta por escolhas estilísticas mais ou menos conscientes. Dizer algo de outra forma implica, em grande parte, dizer outra coisa. As escolhas estilísticas conscientes estão sempre ligadas à intencionalidade do discurso. Para criarmos uma relação de proximidade com nosso interlocutor podemos ser mais informais; para mostrar respeito, mais formais. Outras dimensões podem ser evocadas através do estilo, como por exemplo, as características sócio-demográficas: gênero, idade, classe social, região de origem, rede de contatos, etc.

Apesar de, em língua materna, o locutor nativo possuir conhecimentos implícitos de várias dessas dimensões (CAMPBELL-KIBLER, 2010), em língua estrangeira elas devem ser aprendidas. Os estudos centrados sobre o processo de aquisição da norma sociolinguística em FLE (REGAN, 1995, 1996, 1997 ; REGAN; DEWAELE, 2012 ; HOWARD, 2004 ;VAN COMPERNOLLE, 2013) revelam que os estudantes que foram beneficiados com um ensino explícito, intencionalmente organizado para promover a consciência sociolinguística, conseguem melhor adaptar seu discurso do que aqueles que foram somente expostos de forma implícita às variações sociolinguísticas da língua francesa (filmes, banho linguístico, intercâmbio). A pesquisa de Regan e Dewaele (2012) mostra, por exemplo, que não existe uma diferença significativa entre a produção oral, no que diz respeito à adaptação estilística em diferentes contextos sociais em língua francesa, dos alunos de FLE que tiveram interações com nativos, daqueles não tiveram. Entretanto, observando os resultados desses estudos, podemos perceber que existem alguns alunos que apresentam maior flexibilidade sociolinguística do que outros. Embora esse fator não seja abordado pelos autores, acreditamos que isso pode ser explicado por determinantes como a intensidade das interações, o nível de intimidade entre os locutores e o tamanho da rede de amigos que os alunos possuem no país estrangeiro.

---

<sup>4</sup> Traduzido pelos autores da versão francesa.

<sup>5</sup> Segundo a autora, o estilo não é uma forma de dizer a mesma coisa, mas sim, diferentes formas de ser, o que implica dizer coisas diferentes (ECKERT, 2008, p. 456)



Outro problema a ser abordado na aquisição da norma sociolinguística em língua estrangeira são os fatores subjacentes à variação. Enquanto em língua materna, fatores tais como idade e condição social resultam na variação, e que os nativos se apoiam sobre as situações de interação, léxico, além de outros indícios para construir estilisticamente seu discurso<sup>6</sup>; como identificar quais fatores influenciam as escolhas estilísticas dos alunos de língua estrangeira se eles não possuem as mesmas bases sociolinguísticas e culturais dos nativos? Em FLE, dois estudos tentam responder a essa pergunta explorando duas variantes da língua francesa: o *ne* de negação e a *liaison*<sup>7</sup> facultativa. Segundo Regan (1997), os alunos avançados possuem taxas de omissão do *ne* de negação próximas à de nativos. Para a autora, isso se deve ao fato de os alunos acreditarem que retirando a negação de suas produções orais estariam fazendo como os nativos, o que traria uma certa segurança e o sentimento de integração à comunidade nativa. Já Howard (2004) mostra que a produção das ligações facultativas dos estudantes é completamente arbitrária enquanto a produção dos nativos é pautada em valores extralinguísticos tais como a idade, distinção social e origem regional. Vale lembrar que ambas variantes mencionadas nos dois estudos são percebidas pelos nativos como marcas de prestígio, formalidade e status.

## 2.1 O Fenômeno da Restauração Estilística

Em língua materna, um dos principais objetivos do estudo da variação sociolinguística são os fatores linguísticos e extralinguísticos que originam tais mudanças. A língua é percebida como uma entidade homogênea e claramente delimitada, ainda que os estudos sobre a produção mostrem que durante a interação os indivíduos produzam enunciados heterogêneos. A pesquisadora Buson (2009) analisava um grupo de crianças entre 9 e 11 anos quando se deu conta deste paradoxo. Em seu experimento, as crianças deveriam ouvir recados deixados em uma caixa postal e em seguida reagir livremente após a escuta. Buson observou que as crianças ao reagirem aos enunciados adicionavam marcas estilísticas compatíveis com os enunciados ouvidos, mas que não estavam a princípio presentes:

Enunciado ouvido pela criança : « *bonjour - je suis désolé je suis momentanément (liaison /t/) ausente - mais si vous le souhaitez vous pouvez m(e) laisseR (liaison /R/) un message avec vos coordonnées et j(e) vous recontacterai ultérieurement - je vous remercie et à bientôt* »

<sup>6</sup> Uma releitura é feita sobre os fatores citados em Viana dos Santos, 2014.

<sup>7</sup> A *liaison* é um tipo de mudança na pronúncia de algumas letras dependendo da palavra que a sucede, característica da [língua francesa](#). Ela envolve a pronúncia da consoante final latente de palavras que precedem imediatamente outra palavra iniciada por vogal ou h mudo.



Reação infantil : « *la première il dit pas des choses comme ça, il dit "désolé je ne suis pas là"* » (Margaux, 9 ans)

« *le premier c'était quand il dit "vous pouvez me laisser un message car je ne suis pas là"* » (Seynabou, 10 ans)

Essa constatação deu origem ao fenômeno da Restauração Estilística (RS) que é análogo ao fenômeno da restauração fonêmica (WARREN, 1970). Segundo esta teoria, se nós substituirmos um fonema de uma palavra por um ruído branco em uma frase, o ouvinte restaura intuitivamente o fonema que falta sem se dar conta de que o ruído existe. O que indica que os sujeitos percebem fonemas fisicamente ausentes no sinal de fala, mas que são previsíveis em uma palavra.

Da mesma forma, o fenômeno da RS prevê que os locutores “escutem” uma variante sociolinguística que seu interlocutor não pronunciou, mas que é compatível com sua imagem social ou com outras variantes já pronunciadas. O fato de existir restaurações sugere que nós tenhamos um repertório de representações estilísticas que é ativado a cada vez que interagimos com alguém. O esquema abaixo (fig. 1) ilustra esse processo:

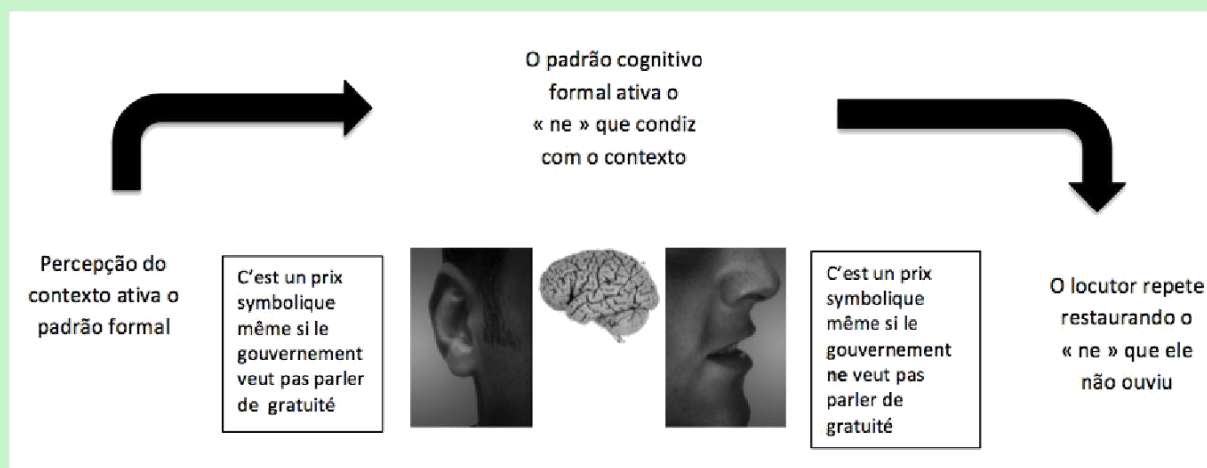


Figura 1: Exemplo do processo cognitivo da RS

Para evidenciar esse fenômeno em língua materna, Buson *et al.* (2014) criaram um experimento que foi aplicado a 58 nativos de língua francesa. Os sujeitos passaram por um teste de repetição imediata composto por 24 enunciados construídos de duas formas: 12 enunciados homogêneos e 12 enunciados não-homogêneos. Os enunciados homogêneos são compostos por um léxico formal ou informal e por variantes estilisticamente compatíveis com o restante do



enunciado. Os enunciados não homogêneos são compostos por um léxico formal ou informal e por variantes opostas, ou seja, não compatíveis com o restante do enunciado. Dentre as variantes estavam: o “ne” de negação, a produção da *liaison* facultativa, a escolha dos pronomes relativos “que” e “dont”, a pronúncia do /l/ no pronome clítico “il”, e a escolha de partículas discursivas formais ou informais.

Os resultados desse estudo mostram que apenas 8% dos enunciados homogêneos foram modificados enquanto 44,1% dos enunciados não-homogêneos sofreram modificações, ou seja, nos enunciados em que o contexto (léxico) e a variável em questão não são compatíveis, os sujeitos ou adicionaram a variável que faltava ou retiraram a que estava a mais homogeneizando os enunciados. O que mostra que os sujeitos apresentam padrões estilísticos homogêneos.

### **3. O estudo do fenômeno da Restauração Estilística em língua estrangeira**

Labov (1976) descreve a comunidade linguística da Ilha de Marth’as Vineyard pelos seus traços linguísticos, fonológicos e sociais, caracterizando a forma que seu povo tem de se exprimir. Milroy (1987) considera uma comunidade linguística pela natureza das relações interpessoais. Segundo o autor, a variação sociolinguística estaria diretamente ligada à rede de contatos construída pelo indivíduo. Quanto mais intensa for a relação entre os indivíduos e seu grupo, mais aqueles terão a tendência de falar de forma similar aos seus, criando assim um sentimento de pertencimento ao grupo.

Se nós transpusermos a mesma ideia ao contexto de intercâmbio universitário, a intensidade do contato com a língua-alvo seria um fator importante para aquisição de uma flexibilidade sociolinguística em língua estrangeira: na tentativa inconsciente de falar como um nativo, o aluno se adaptaria ao registro usado pelo grupo em diversas situações comunicacionais.

Baseando-nos nessa reflexão e no fenômeno linguístico da Restauração Estilística, nós desenvolvemos um estudo de caráter exploratório junto a 67 estudantes estrangeiros inscritos no Centro Universitário de Estudos Franceses (CUEF) da Universidade de Grenoble, França, no ano de 2014. Nosso projeto propõe:

- (i) Verificar a existência do fenômeno da Restauração Estilística em FLE.
- (ii) Examinar se esse fenômeno está ligado à rede de amigos estabelecida pelos estudantes estrangeiros na França ou a outros fatores extralinguísticos.



Nossa hipótese é que o fenômeno da RS existe em L2, mas que somente os estudantes que apresentem uma rede social de amigos franceses ativa é que terão a possibilidade de se adequar ao tipo de formalidade da situação, enquanto os demais serão sempre formais, qualquer que seja o contexto de formalidade da situação comunicacional.

O grupo observado é formado por 42 estudantes sinófonos (21 homens e 21 mulheres com idade média de 24,4 anos), 24 estudantes anglófonos (8 homens e 16 mulheres com idade média de 21,6 anos) e um estudante que omitiu sua nacionalidade e língua materna. Vinte e um por cento dos alunos declararam ter o nível B2, enquanto os outros declararam ter entre o nível B1 e C2. Os estudantes sinófonos apresentavam em média 2,6 anos de tempo de estadia na França e 3,7 anos de estudo da língua francesa enquanto os estudantes anglófonos apresentavam respectivamente 2,8 e 8 anos. Os dados sócio-demográficos deste estudo foram coletados através de um questionário anônimo preenchido pelos participantes antes da aplicação do experimento linguístico.

### 3.1 Rede de contatos dos estudantes na França

Para medir a densidade da rede social dos alunos, nós elaboramos questões suplementares sobre a frequência de contato de cada um dos amigos citados. O estudante deveria mencionar a nacionalidade do amigo, quantas vezes o vê por semana e em quais ocasiões (universidade, lazer, etc.). A tabela abaixo (tab.1) apresenta a média total de contatos dos estudantes (NMA), a média de contatos franceses (NMAF) e a média de contatos de compatriotas (NMAMO):

	NMA	NMAF	NMAMO
Anglófonos	11,12	5	2
Sinófonos	8	2,67	3,33

Tabela 1: Rede de contatos dos estudantes na França





### 3.2 O teste de repetição imediata

A fim de obter resultados que possam ser comparados aos dos nativos, nós utilizamos o teste de repetição imediata proposto por Buson e al. (2014). O teste é composto por 24 enunciados, repartidos da seguinte forma:

- a) 6 enunciados formais homogêneos (léxico formal e variante formal)
- b) 6 enunciados formais não-homogêneos (léxico formal e variante informal)
- c) 6 enunciados informais homogêneos (léxico informal e variante informal)
- d) 6 enunciados informais não-homogêneos (léxico informal e variante formal)

O experimento se dá da seguinte forma: com o auxílio de um fone de ouvido, os alunos devem ouvir uma vez o enunciado proposto e em seguida repetir o mesmo enunciado. Para diferenciar brevemente o tempo entre a escuta e a repetição do enunciado, os alunos devem ler e dizer em voz alta um número que aparece na tela do programa utilizado para o experimento. Dessa forma, o enunciado pode ser estocado na memória de trabalho antes de ser restituído e eventualmente reconstituído a partir das representações estilísticas cuja ação nós queremos testar.

Se o fenômeno da RS também existir em língua estrangeira, nós esperamos que os enunciados do tipo *b* e *d* sejam modificados, ou seja, que os alunos restaurem as variantes que são opostas ao léxico proposto, homogeneizando, assim, o enunciado ouvido. Seguindo o fenômeno, é esperado que os enunciados do tipo *a* e *c* não sejam modificados, ou que sejam pouco modificados.

### 3.3 Variáveis sociolinguísticas utilizadas no teste de repetição:

Cada um dos conjuntos de enunciados mencionados acima é composto por três variáveis: morfossintática, fonética e discursiva. Elas são representadas (tab. 2) da seguinte maneira:

Variáveis morfossintáticas	<i>ne</i> de negação : realizado/ não realizado
	Pronome relativo <i>que / dont</i> - escolha dos pronomes



Variáveis fonéticas	<i>Liaison</i> facultativa : realizada ou não realizada
	Pronúncia do /l/ no pronome clítico « il » : realizada ou não realizada
Variáveis discursivas	Partículas consideradas formais : ex : <i>euh non, oui bon,</i>
	Partículas consideradas informais: ex : <i>oh mais, hein</i>

Tabela 2: variáveis usadas no estudo

Os 12 enunciados homogêneos são compostos de sequências lexicalmente formais ou informais e apresentam as variáveis descritas acima de forma coerente com o contexto, ou seja, os enunciados formais homogêneos são formados por um léxico formal e uma variável formal, os enunciados informais homogêneos são formados por um léxico informal e uma variável informal. A tabela (tab. 3) abaixo mostra os enunciados homogêneos utilizados na pesquisa, assim como a variável sociolinguística explorada:

Referência do enunciado	Enunciado	Nvel	Variável
Formal homogêneo1	Nous <b>ne</b> connaissions même <b>pas</b> le président d(e) cette association.	sintático	<i>Ne</i> de negação présente
Formal homogêneo2	Je m'interroge sur la façon <b>dont</b> ils conçoivent l'enseignement en général.	sintático	Pronome relativo <i>dont</i>
Formal homogêneo3	<b>C'esT</b> un pays accueillant où il ferait certes bon vivre.	fonológico	<i>Liaison</i> facultativa realizada após "c'est"
Formal homogêneo4	Etant donné qu' <b>il travaille</b> à l'hôpital, démissionner esT une décision délicate.	fonológico	/l/mantido
Formal homogène5	De plus, <b>euh non</b> , certains articles évoquaient plutôt une restructuration.	pragmático	Partícula discursiva formal
Formal homogêneo 6	<b>Oui bon</b> , la situation est certes éminemment complexe.	pragmático	Partícula discursiva formal



Informal homogêneo 1	Tu vas <b>pas</b> mett(re) tes pompes dégueu dans ma caisse, nan ?	sintático	Omissão da partícula de negação
Informal homogêneo 2	Nan c(e) <b>que</b> j(e) te parlais t(ou)t à l'heure, c'(é)tait un aut(re) plan foireux.	sintático	Pronome relativo <i>que</i> no lugar de <i>dont</i>
Informal homogêneo 3	<b>C'est</b> un appart avec un pote (il) y a pas la télé.	fonológico	<i>liaison</i> facultativa após "c'est" não realizada
Informal homogêneo 4	Alor si' <b>regarde</b> le truc et i'dit oh mais c'est quoi ça ?!	fonológico	/l/ não mantido
Informal homogêneo 5	Écoute t(u) es vachement sympa merci <b>hein.</b>	pragmático	Partícula discursiva informal
Informal homogêneo 6	<b>Oh mais</b> lui pour s'en remett(re) franch(e)ment ça été chaud.	pragmático	Partícula discursiva informal

Tabela 3: enunciados homogêneos utilizados no estudo

Os 12 enunciados não-homogêneos são compostos de forma inversa: sequências lexicamente formais ou informais apresentam as variáveis mencionadas dispersas de forma oposta ao léxico, ou seja, as sequências formais apresentam variáveis informais e as sequências informais apresentam variáveis formais. A tabela (tab. 4) abaixo mostra os enunciados não homogêneos usados em nosso estudo:

Referência do enunciado	Enunciado	Nível	Variável
Formal não-homogêneo 1	C'esT un prix symbolique même si le gouvernement veut <b>pas</b> parler de gratuité.	sintático	Omissão da partícula de negação
Formal não-homogêneo 2	L'écueil majeur concerne la manière <b>qu'on</b> enseigne l'informatique à l'école.	sintático	Pronome relativo <i>que</i> no lugar de <i>dont</i>
Formal não-homogêneo 3	Certes les débordements dans l'hémicycle <b>étaient</b> inévitables.	fonológico	<i>liaison</i> facultativa após "c'est" não realizada



Formal não-homogêneo 4	Pour subvenir à ses besoins, bien entendu, <b>i' faut</b> d'autres sources de revenus.	fonológico	/l/ não mantido
Formal não-homogêneo 5	Nous pouvons sans doute nous y soustraire <b>hein</b> .	pragmático	Partícula discursiva informal
Formal não-homogêneo 6	<b>Oh mais</b> aujourd'hui les gens ne se marient plus à 25 ans à moins d'y être contraints.	pragmático	Partícula discursiva informal
Informal não-homogêneo 1	Ouais bein le gars i(l) <b>n'</b> avait <b>pas</b> franch(e)ment l(e) choix au final.	sintático	<i>Ne</i> de negação presente
Informal não-homogêneo 2	Essaye de pas m(e) refiler l(e) matos pourri <b>dont</b> t(u) as parlé l'aut(re) fois.	sintático	Pronome relativo <i>dont</i>
Informal não-homogêneo 3	<b>C'esT</b> un sale gosse j(e) te jure il est grave.	fonológico	<i>liaison</i> facultativa realizada após "c'est"
Informal não-homogêneo 4	Ouais <b>il</b> bosse tout l(e) temps c'est abuser.	fonológico	/l/ mantido
Informal não-homogêneo 5	<b>Euh non</b> en vrai j'avais bien les boules de pas capter ses questions.	pragmático	Partícula discursiva formal
Informal homogêneo 6	<b>Oui bon</b> en même temps comment i(l) s(e) galère avec sa meuf.	pragmático	Partícula discursiva formal

Tabela 4: enunciados não-homogêneos utilizados no estudo

#### 4. A representação cognitiva do estilo dos alunos de FLE

Nosso principal objetivo, como nós dizemos anteriormente, é verificar a existência do fenômeno da RS em língua estrangeira e identificar quais são os fatores que influenciam esse fenômeno em língua estrangeira. Se os alunos de FLE possuírem o mesmo padrão cognitivo de estilo que os nativos, nós esperamos obter uma maior repetição de enunciados modificados que de enunciados idênticos à escuta. A tabela (tab. 5) abaixo mostra o tipo de produção esperada durante a repetição de um enunciado não-homogêneo:



Escuta	C'esT un prix symbolique même si le gouvernement veut <b>pas</b> parler de gratuité.(sem a partícula negativa « ne »).
Repetição	C'esT un prix symbolique même si le gouvernement <b>ne</b> veut <b>pas</b> parler de gratuité (com a partícula negativa « ne »).

Tabela 5: modelo representativo da variação estilística

Para verificar a existência do fenômeno da RS, nós calculamos a porcentagem de modificação dos enunciados não-homogêneos e a dos enunciados homogêneos. Os resultados (fig. 2) mostram que os estudantes modificam os enunciados estilisticamente não-homogêneos significativamente mais do que os enunciados homogêneos ( $T(67) = -13,881, p < 0,0001$ ):

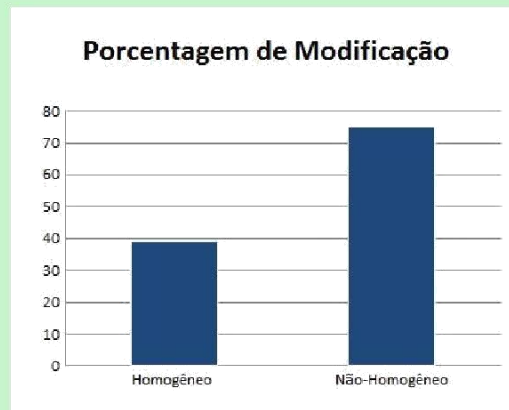


Figura 2

Como ilustra o gráfico acima, as repetições não idênticas são em média duas vezes mais frequentes nos enunciados não-homogêneos ( $M=75\%$  ;  $\sigma = 19\%$ ) do que nos enunciados homogêneos ( $M= 39\%$  ;  $\sigma= 16\%$ ). A partir dos resultados obtidos, nós podemos afirmar que a RS é um fenômeno linguístico presente tanto em língua materna quanto em língua estrangeira.

Após esta constatação e com o intuito de aprofundar nossa análise, nós comparamos os dois sentidos das modificações (tab. 6): do sentido formal ao informal e do sentido informal ao formal. O objetivo desta comparação é descobrir se os alunos possuem a mesma tendência de modificar uma variável formal por uma informal e uma variável informal por uma formal. Desta forma, nós podemos saber se os estudantes têm a tendência de formalizar os enunciados ou de informalizá-los, ou, ainda, se o nível de formalidade dos alunos é neutro. Para verificar o sentido da modificação dos enunciados, nós comparamos as médias de modificações dos enunciados



entre a condição formal homogênea (FH) e a condição informal não-homogênea (InH) de uma parte, e entre a condição formal não-homogênea (FnH) e a condição informal homogênea (InH) de outra parte :

<b>FH</b>	<b>InH</b>	<b>Teste T</b>
39%	72%	T= -11,05 p < 0,0001
<b>IH</b>	<b>FnH</b>	<b>Teste T</b>
38%	96%	T= 9,34 p < 0,0001

Tabela 6: porcentagem de modificações segundo a formalidade do enunciado

Os resultados ilustrados na tabela acima mostram que de forma geral (confundindo todas as variáveis sociolinguísticas) os sujeitos modificam muito mais as variantes não-homogêneas do que as variantes homogêneas, não importando o sentido da modificação. Comparando **FH-InH** constatamos que as porcentagens médias de modificações são maiores em InH, o que mostra que os alunos restauram esses enunciados substituindo uma variante padrão por uma variante não padrão. Se compararmos **IH-FnH**, constatamos que os estudantes restauram muito mais os enunciados do tipo FnH, o que indica que nesse caso eles substituem uma variante não-padrão por uma variante padrão. Essa última análise confirma a existência de padrões cognitivos representativos do estilo sociolinguístico junto aos alunos de FLE. Nós podemos igualmente observar que a alta porcentagem de restauração dos enunciados do tipo FnH mostra que esses alunos têm a tendência de restaurar os enunciados tornando-os formais.

#### 4.1 Fatores que influenciam a restauração estilística

Para verificar quais fatores influenciam o fenômeno da RS, nós verificamos a existência de relações entre fatores como a idade dos alunos, o sexo, o número de anos de estudos da língua francesa, o número de anos de estadia na França, a média da auto-avaliação das competências orais e escritas, a rede social de amigos e o grau da restauração. Para medir o grau de restauração nós subtraímos o número de restaurações na condição não-homogênea do número de restaurações na condição homogênea. Nós aplicamos o teste de correlação para o grupo total de alunos e depois para o grupo de sinófonos e em seguida para o grupo de anglófonos. O interesse desta repartição é buscar as diferenças que poderiam existir entre os dois grupos influenciando nos



resultados. Como nós já sabemos, os anglófonos possuem maior número de amigos em média (ver a tab. 1 da seção 2.1), o que poderia influenciar no padrão cognitivo do grupo.

Após as análises estatísticas, os únicos fatores que se mostraram significativamente representativos foram as correlações entre a idade, o número de anos de estudo de FLE e a auto-avaliação das competências linguísticas citadas pelos alunos. A seguir, comentaremos o resultado de cada uma das correlações e, para cada uma delas, nós levantaremos possíveis hipóteses para explicar cada um dos fenômenos constatados.

#### 1.1.1 Fatores sociais:

Anglófonos	$r = -0,501$ $p = 0,013$
Sinófonos	$r = 0,318$ $p = 0,045$

Tabela 7: Correlação entre o grau de restauração total e a idade dos estudantes

Esta correlação (tab. 7) nos mostra que os estudantes anglófonos mais jovens fazem restaurações no sentido formal-informal, enquanto os estudantes sinófonos possuem a tendência inversa, ou seja, os estudantes mais velhos fazem restaurações no sentido formal-informal. Para explicar esse fato nós temos duas hipóteses: a primeira é que os estudantes sinófonos mais velhos tenham passado mais tempo na França, o que lhes teria permitido adquirir a norma sociolinguística nativa. Esta hipótese é reforçada pelo fato de que existe uma correlação entre a idade e o tempo de estadia na França junto a esses alunos ( $r = 0,58$ ,  $p < 0,0001$ ). Nossa segunda hipótese no que se refere aos estudantes anglófonos é que esses possuem amigos da mesma idade que eles. Visto que segundo o questionário esses alunos encontram seus contatos com maior frequência na Universidade, isso poderia ajudá-los a adquirir a norma sociolinguística praticada entre os jovens.

#### 1.1.2 Fatores ligados à aprendizagem:

Anglófonos	$r = -0,422$ $p = 0,04$
Sinófonos	$r = -0,222$ $p = 0,157$

Tabela 8: Correlação entre o grau de restauração total e o número de anos de estudo de FLE



Anglófonos	$r = -0,580 p = 0,03$
Sinófonos	$r = -0,16 p = 0,922$

Tabela 9: Correlação entre o grau de restauração no sentido formal-informal e o número de anos de estudo de FLE

Anglófonos	$r = -0,489 p = 0,15$
Sinófonos	$r = -0,254 p = 0,11$
Grupo	$r = -0,282 p = 0,023$

Tabela 10: Correlação entre o grau de restauração no sentido informal-formal e as competências orais auto-avaliadas

As correlações negativas das tab. 8 e tab. 9 são significativas apenas para os estudantes anglófonos. Isso mostra uma relação inversa entre o grau de restauração e o número de anos de estudo de FLE, ou seja, que os estudantes que têm menos anos de estudo de FLE fazem mais restaurações no sentido formal-informal. Nossa hipótese é que o fato de esses estudantes terem tido menos contato com os professores de FLE contribuiu para que eles tivessem menos *input* da norma padrão, o que explicaria o porquê desses estudantes transformarem as variantes formais em não-formais. O estudo de Mougeon e *al.* (2002) mostra, por exemplo, a discrepância que existe entre o *input* recebido pelos alunos na classe de inserção em Montreal, no Canadá. O autor explica que enquanto apenas 0,5% dos nativos utilizam o *ne* de negação em suas interações, os professores de Francês Língua Segunda utilizam cerca de 71% durante a interação com os alunos em classe. O resultado é que em interações fora da sala de aula, a porcentagem do *ne* de negação utilizado pelos alunos é de 70%.

Uma reflexão similar pode ser aplicada para se explicar a correlação negativa do grupo de estudantes presente na tab. 11. Segundo esses resultados, os alunos que estimam melhor falar francês são aqueles que fazem mais restaurações no sentido formal. Nossa hipótese é que esses estudantes julgam que falar bem francês seja igual a falar o francês correto, ou seja, o praticado em sala de aula com seus professoras. O fato de as interações em classe possuírem caráter





extremamente formal pode influenciar os alunos que não possuem consciência da diversidade e da elasticidade da língua a serem sempre formais, qualquer que seja o contexto da interação.

### Conclusão

Nesse estudo vimos que o fenômeno da restauração estilística existe em língua estrangeira. Segundo nossas hipóteses, os alunos estrangeiros que estão fazendo intercâmbio na França, por se beneficiarem do contato diário com o idioma, apresentariam padrões cognitivos similares aos dos nativos. Entretanto, ainda segundo nossas hipóteses, apenas os alunos que possuem uma rede de contatos consolidada na França teriam a possibilidade de se adaptarem à formalidade do enunciado, enquanto os alunos que têm contato apenas com o francês da sala de aula teriam a tendência de tornar os enunciados formais, independente da formalidade do enunciado.

A partir dos resultados obtidos podemos afirmar que os alunos de FLE em intercâmbio possuem padrões linguísticos similares aos dos nativos. Entretanto nós não pudemos comprovar a existência de uma correlação entre os padrões cognitivos dos alunos e a rede social formada por eles na França. Os únicos fatores extralinguísticos que influenciam no padrão desenvolvido pelos alunos são: a idade, o número de anos de estudos da língua francesa e a auto-avaliação de suas competências orais.

Nosso estudo mostrou também que o fato de os alunos serem expostos ao francês formal da sala de aula influencia na aquisição de variáveis sociolinguísticas da língua francesa. Os alunos com maior exposição tendem a ser mais formais, adicionando inclusive aos enunciados homogêneos informais variáveis formais, o que mostra que eles não possuem flexibilidade estilística.

A importância da aprendizagem sociolinguística de uma língua não é apontada apenas pelo CECRL. As diretrizes ministeriais da educação da província de Ontário, Canadá (2000, p. 9) estipula que os alunos dos ciclos de imersão linguística devem saber utilizar as expressões coloquiais e idiomáticas, defender suas ideias em um registro formal e informal e se exprimir com clareza em situações formais e informais. Da mesma forma existe por parte dos alunos a necessidade de saber adaptar seu estilo conforme o de seu interlocutor (MOUGEON *et al.*, 2002). Para isso é necessário repensar a forma de ensino, propondo cenários pedagógicos desenvolvidos especialmente para estimular a flexibilidade estilística dos alunos.



## Bibliografia

BUSON, Laurence. *Variation stylistique entre 5 et 11 ans et réseaux de socialisation scolaire: Usages, représentations, acquisition et prise en compte éducative*. Grenoble: Université Stendhal dissertation, 2013.

BUSON, L. ; CHEVROT, J.-P., Nardy, A & Abouzaïd, M. Catégorisation et représentations sociolinguistiques : les variétés stylistiques existent - elles ? Actes du *CMLF 2014– 4<sup>ème</sup> Congrès Mondial de Linguistique Française*, publié par EDP Sciences ( [www.linguistiquefrancaise.org](http://www.linguistiquefrancaise.org)), 2014

CAMPBELL-KIBLER, K. The nature of sociolinguistic perception. *Language variation and change*. 2009, n° 21, p. 135 – 156.

CHEVROT, J.-P ; GAUTIER, R. Réseaux sociaux, usage et acquisition du français langue seconde par des américains en contexte de séjour d'étude en France. In F. Neveu, V. Muni Toke, P. BLUMENTHAL, T. KLINGER, P. Ligas, S. Prévost ; S. Teston-Bonnard, SHS Web of conferences, *Actes du 3ème Congrès Mondial de Linguistique Française*, Lyon, France, 4-7 juillet 2012, p. 2071-2082.

CONSEIL DE L'EUROPE. Un cadre européen commun de référence pour les langues, Paris : Didier, 2000.

DUMOND, P. *La francophonie par les textes*. France : EDICEF, 1992.

ECKERT, P. Variation and the indexical field, *Journal of Sociolinguistics* 2008, n° 12(4), 453 – 476.

FISCHER, John L. Social influences on the choice of a linguistic variant. *Word*, 1958 n° 14(1), 47–56.

HOWARD, M. The Advanced Learner's Sociolinguistic Profile: On Issues of Individual Differences, Second Language Exposure Conditions, and Type of Sociolinguistic Variable. *The Modern Language Journal* 2012, n° 96 (1), 20 – 32.

LABOV, W. Stages in the acquisition of Standard English. In R. Shuy (ed.), *Social Dialects and Language Learning*. Champaign, Ill: National Council of Teachers of English. (1964).



LABOV, W. Field methods of the Project on Linguistic Change and Variation. In J. Baugh & J. Sherzer (eds.), *Language in Use*. Englewood Cliffs: Prentice Hall. (1984).

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press. (1972).

LABOV, W. *Sociolinguistique*. Paris : Ed. de Minuit. (1976)

LAFONTAINE, D. *Le parti pris des mots*. Bruxelles : Mardaga. (1986).

MILROY, L.. *Language and social networks*. Basil Blackwell. (1987)

MOUGEON, R, Nadasdi, T ; REHNER, K. État de la recherche sur l'appropriation de la variation parles apprenants avancés du FL2 ou FLE. *Acquisition et interaction en langue étrangère*, 17 mis en ligne le 25 août 2008, consulté le 17 mars 2014. URL : <http://aile.revues.org/847>

NARDY, A. *Acquisition des variables sociolinguistiques entre 2 et 6 ans : facteurs sociologiques et influences des interactions au sein du réseau social* (Thèse de doctorat). Université Stendhal - Grenoble 3, Grenoble, 2008. <http://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00466276>.

NARDY, A., CHEVROT, J.-P. ; BARBU, S. The acquisition of sociolinguistic variation: looking back and thinking ahead, *Linguistics*. 2013, 51(2), 255-284.

ONTARIO MINISTRY OF EDUCATION. *The Ontario curriculum grades 11 and 12: French as a second language — core, extended, and immersion French*. Toronto: Queen's Printer, 2000.

PERRUCHET, P.; PACTON, S. Implicit learning and statistical learning: One phenomenon, two approaches, *Trends in Cognitive Sciences*, 10(5). 2006. p.233-238.

REGAN, V. The acquisition of sociolinguistic native speech norms. In: B. Freed (ed.), *Second Language Acquisition in a Study Abroad Context*. Amsterdam et Philadelphia: John Benjamins, 1995, p.245-267.

REGAN, V. Variation in French interlanguage: a longitudinal study of socio- linguistic competence. In: R. Bayley & D. Preston (eds.), *Second Language Acquisition and Linguistic Variation*. Amsterdam et Philadelphia: Benjamins, 1996, p. 177 – 201.



REGAN, V. Les apprenants avancées, la lexicalisation et l'acquisition de la compétence sociolinguistique: une approche variationniste. *AILE Acquisition et interaction en langue étrangère*, 1997, 9, p. 193-210.

REGAN, V. ; DEWAELE, J-M. Maîtriser la norme sociolinguistique en interlangue française: le cas de l'omission variable 'n'. *French Language Studies*.2012, 12, p. 123 – 148.

TRUDGILL, P. Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. In Thorne & B., Henley, N. (dir.), *Language and Sex: Difference and Dominance*, 1975, p.88 – 104).Rowley: Newbury House Publishers.

TYNE, H. Le style en français langue seconde : vers un regard sociolinguistique. *Langage et société*. 2004, Vol. 109, 31 – 47.

VAN COMPERNOLLE, R. A. Concept appropriation and the emergence of L2 sociostylistic variation. *LanguageTeachingResearch*.2013, 0 (0), p. 1 – 20.

VIANA DOS SANTOS, G. *Variation et restauration stylistiques en Français Langue étrangère : approche exploratoire des représentations cognitives du style*. Grenoble : Université Stendhal, dissertação de mestrado, 2014. <http://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-01066897>

WAREN, R. M. Perceptual restoration of missing speech sounds. *Sciences*, New series, 1970, Vol. 167 (23) (3917), p. 392 – 393.

Recebido: 07.07.2015

Aceito: 18.08.2015

